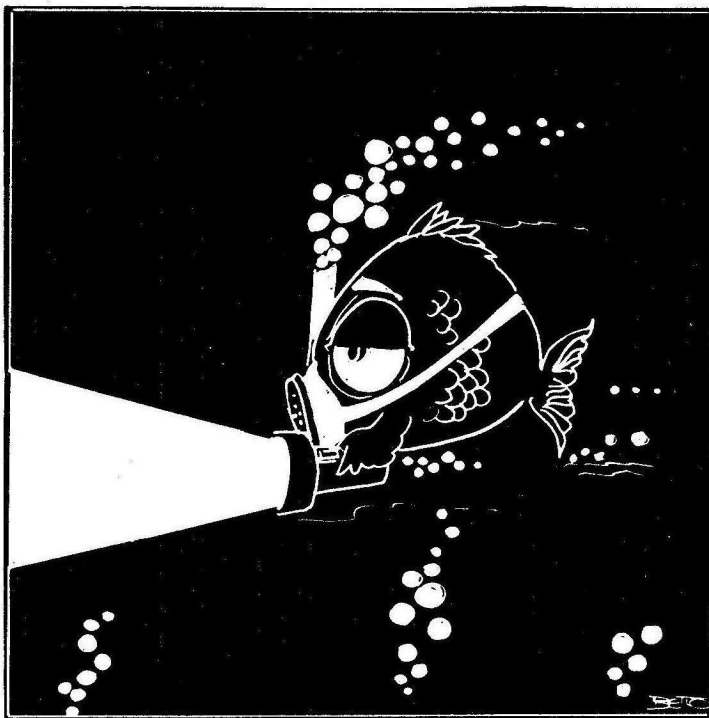


EXPEDICTO QUINTAS



A Secretaria de Planejamento da Presidência da República, o Banco Mundial e a Caixa Econômica Federal estão examinando em conjunto a concorrência pública aberta pela Caesb para a contratação das obras de despoluição do lago do Paranoá. Como entidades responsáveis pelo financiamento de US\$ 100 milhões, por força de convênio assinado com o GDF, cabe-lhes a tarefa de julgar a concorrência para efeito de homologação. Cinco empresas participaram da licitação, cabendo a duas delas a tarefa de fundamental importância para a capital da República, que é de ampliar a capacidade operacional das estações de tratamento de esgotos, de cujo desempenho insuficiente decorreram situações críticas para o ecossistema lacustre. O excesso de produtos nitrogenados e fosforados lançados na bacia do Paranoá proporcionou a proliferação de uma flora aquática de elevados índices metabólicos de oxigênio, reduzindo assim para faixas críticas as condições biofísicas de suporte para a vida animal.

O lago do Paranoá tem uma função múltipla em termos urbanísticos, ecológicos, paisagísticos climáticos e sociais. Além de compor-se esteticamente com o traçado urbano do Plano Piloto, sua presença como massa líquida exerce influência no microclima e abre espaços para o lazer, constituindo-se, também em fonte de alimentos através da pesca.

Até aqui as instalações de tratamento dos afluentes sanitários têm capacidade para processar esgotos coleta-

dos pelo uso de 250 mil pessoas. As obras previstas pela Caesb projetam elevar essa capacidade para atender a oitocentas mil, limite este já ultrapassado pelas atuais concentrações do Plano Piloto, Lago Sul, Guará I e II, Cruzeiro e Núcleo Bandeirante, abrigadas pela faixa sanitária da bacia do Paranoá.

Ocorre que desde 1978, quando as condições biológicas das águas do Lago se deterioraram de forma irreversível, o Paranoá perdeu a parte mais substantiva de sua funcionalidade, transformando-se numa cloaca inerte, mero escoadouro de dejetos humanos, imensa poça de águas mortas, um deserto de vida animal.

Por força dos cronogramas físicos das obras a rea-

lizar nada menos do que 33 meses serão consumidos até que as reformas no sistema de tratamento estejam concluídas. Vale dizer que somente em maio de 1990 o Paranoá vai abrir o seu ciclo de revitalização, entrando numa fase definitiva de recuperação. Vai ressurgir da ruína ecológica a que foi levado, e pela recuperação de sua integridade ambiental poderá entregar-se ao uso pleno de suas funções, oferecendo-se à comunidade do Distrito Federal para uso confiável e duradouro.

Por isso mesmo são mais do que transparentes as razões de urgência que devem ser conferidas aos técnicos da Seplan, da Caixa e do Banco Mundial que atualmente examinam a concorrência pública realizada pe-

la Companhia de Águas e Esgotos de Brasília. A ace-

leração requerida não significa a supressão de quaisquer exigências ou avaliações a serem levantadas em função do impacto ambiental. Trocando em miúdos, significa que os estudos a serem realizados devem basear-se em diversas simulações com a finalidade de prever situações futuras. Não apenas aquelas ligadas aos compromissos financeiros resultantes da enorme dívida a ser paga pelo povo, decorrente do empréstimo de US\$ 100 milhões, mas, principalmente, pelos desdobramentos naturais da recuperação biossistêmica das águas do lago, ante os imprevistos não avaliados.

Tudo a seu tempo, numa cronologia onde os prazos sejam utilizados de forma crítica, com total intolerância para com a procrastinação, a abulia e o desinteresse. São inaceitáveis quaisquer adiamentos que decorram de uma burocracia descuidada, desatenta das exigências inadiáveis reclamadas para a assinatura da primeira ordem de serviços.

São imprevisíveis as respostas do ecossistema em decorrência das concentrações salinas que prevalecerão nos próximos períodos de estio, quando se repetirão, em graus mais avançados, os condicionamentos que em novembro de 1978 jogaram na atmosfera de Brasília um mau cheiro nauseante expelido da imensa proveta de decomposições orgânicas em que se transformou a concha lacustre onde estão represadas as águas usadas por mais de um milhão de brasileiros.